

AQUISIÇÃO DA VOGAL [a] ESPANHOLA POR APRENDIZES DE ESPANHOL COMO L2

BRUNA SANTANA DIAS-CAVALHEIRO¹; GIOVANA FERREIRA-GONÇALVES²;

¹Universidade Federal de Pelotas, FAPERGS/CAPES – brunasantanadias@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas, CNPq – giovanaferreiragoncalves@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho trata da aquisição da vogal /a/ da língua espanhola por falantes do português brasileiro (PB), moradores da cidade de Pelotas, aprendizes de espanhol como língua estrangeira (E/LE). A escolha do objeto de investigação foi motivada pelas diferenças existentes entre a qualidade vocálica de /a/ em ambas as línguas, que pode provocar dificuldades para os aprendizes.

A problemática desta investigação consiste no fato de que falantes do PB, em processo de aprendizagem E/LE, têm a tendência de nasalizar a vogal oral espanhola /a/, por influência do padrão contextual do português. Segundo QUILIS (1988, 1999), a ocorrência de nasalização vocálica provoca redução de F1 e crescimento de F3. Quanto aos aspectos articulatórios, a cavidade oral sofre diminuição de abertura, há redução do abaixamento da língua, bem como abaixamento do véu palatino, ocasionando o escape de ar pelas fossas nasais.

Pasca (2003) relata dois tipos de nasalidade no PB: a fonológica e a fonética. A primeira corresponde à nasalidade obrigatória que ocorre quando a vogal é seguida, na mesma sílaba, de uma consoante nasal (*banco*, por exemplo); a segunda é quando, depois de uma vogal de uma rima vazia, há uma consoante nasal no *onset* da sílaba seguinte (*cama*, por exemplo). No espanhol, por sua vez, a nasalidade tem relevância fonética, mas não fonológica. A autora alerta para o fato de que a nasalidade dessa língua é quase imperceptível, tanto para um falante nativo quanto para um não-nativo.

A teoria de base deste estudo é a Fonologia Gestual, desenvolvida por BROWMAN & GOLDSTEIN (1986, 1989), autores que incorporaram à análise fonológica, unidades que se sobrepõem e que permitem relações temporais entre as estruturas articulatórias. Ao considerar a organização da fala no espaço e no tempo, os autores estabelecem relação entre estrutura fonológica e física.

Os objetivos específicos estão assim delineados:

- a) caracterizar, em termos acústicos, a vogal [a] da língua espanhola falada em Montevideo⁴; e da língua portuguesa falada na cidade de Pelotas;
- b) estabelecer correlações acústicas da produção da vogal /a/, em contexto oral e nasal, do PB e do espanhol;
- c) identificar diferenças entre a vogal [a] do PB e do espanhol, em contexto oral e nasal;
- d) verificar se há interferência do PB para a produção da vogal [a] espanhola em contexto oral;
- e) verificar se, quando diante de consoantes nasais, os aprendizes nasalizam mais do que o padrão da vogal [a] da língua espanhola;

f) contribuir para o estudo da vogal [a] da língua portuguesa e espanhola, bem como para as investigações referentes ao processo de aprendizagem de espanhol como LE.

2. METODOLOGIA

Os dados deste estudo foram coletados no LELO (Laboratório Emergência da Linguagem Oral) da Universidade Federal de Pelotas. Para obter melhor qualidade das gravações, as coletas foram realizadas em uma cabine acústica com a utilização do gravador digital, modelo *Zoom H4N*.

Três grupos compõem o *corpus*: (i) aprendizes; (ii) falante monolíngue de português e (iii) falante monolíngue de espanhol. No primeiro grupo, há seis estudantes do curso de Letras, 3 do 2º semestre e outros 3 do 4º semestre; nos demais, há um integrante. Com a aplicação do teste de nivelamento², os alunos do 2º semestre obtiveram o nível intermediário e os alunos do 4º semestre obtiveram o nível avançado.

Primeiramente, os informantes nomearam imagens que viam na tela de um computador, inserindo as palavras na frase veículo *Digo... para usted*, ou, no caso do monolíngue, *Digo... para você*. Logo após, além das imagens, os sujeitos também podiam visualizar a palavra escrita abaixo da figura. Nas duas etapas, cada figura era apresentada duas vezes. Um exemplo das imagens expostas pode ser visto na Fig. 1:



Pato

Fig. 1: Exemplo de figura para nomeação em frase veículo

As figuras foram selecionadas com o intuito de formar dois grupos, um constituído por palavras cognatas português/espanhol, outro por palavras não-cognatas em ambas as línguas. Além disso, as palavras selecionadas continham a vogal /a/ seguidas de consoantes orais e nasais, sílaba aberta (CV), sílabas tônicas e átonas e, como contexto antecedente, as seis consoantes plosivas.

Para a descrição e análise dos dados, foi utilizado o software *Praat*, versão 5.3.82. A partir do ponto médio da vogal, foram extraídos os valores dos dois primeiros formantes – F1 e F2. O primeiro formante (F1) está relacionado à altura da língua e o segundo (F2), à anterioridade ou posterioridade da língua. Ademais, verificamos o tempo de duração total da vogal.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para esta etapa do estudo, contamos com os resultados obtidos da vogal [a] em contextos oral e nasal. A seguir é possível visualizar os quadros 1 e 2 em que

² O teste está disponível em: http://ave.cervantes.es/prueba_nivel/default.htm.

demostram as médias dos valores de duração, F1 e F2 da vogal [a] para as produções dos quatro grupos de sujeitos.

Em sílaba tônica, com contexto seguinte oral, os valores indicam uma maior duração da vogal nos dados do sujeito monolíngue de Pelotas – 101,87 ms (considerando a média entre a duração das cognatas e não cognatas) – e nos dados dos aprendizes de espanhol do nível avançado – 119,92 ms. A média de duração dos aprendizes de nível intermediário, entretanto, aproxima-se dos valores verificados para o nativo de espanhol, com média de 71,59 ms.

<i>Sujeitos</i>	<i>Cognatas</i>			<i>Não cognatas</i>		
	<i>F1</i>	<i>F2</i>	<i>Duração</i>	<i>F1</i>	<i>F2</i>	<i>Duração</i>
<i>S1 (B)</i>	955	1677	103.66	947	1645	100.08
<i>S2 (U)</i>	743	1623	71.59	742	1575	75.24
<i>S3, S4, S5 (I)</i>	794	1708	82.04	714	1713	100.10
<i>S6, S7, S8 (A)</i>	811	1622	108.18	807	1654	131.67

Quadro 1: Médias de duração, F1 e F2 em sílaba tônica
 (B): brasileiro; (U): uruguai; (I): intermediário; (A): avançado

<i>Sujeitos</i>	<i>Cognatas</i>			<i>Não cognatas</i>		
	<i>F1</i>	<i>F2</i>	<i>Duração</i>	<i>F1</i>	<i>F2</i>	<i>Duração</i>
<i>S1 (B)</i>	703	1559	45.96	715	1596	66.03
<i>S2 (U)</i>	649	1546	63.01	666	1517	60.77
<i>S3, S4, S5 (I)</i>	534	1626	55.99	598	1703	53.76
<i>S6, S7, S8 (A)</i>	563	1560	54.59	652	1625	55.29

Quadro 2: Médias de duração, F1 e F2 em sílaba átona
 (B): brasileiro; (U): uruguai; (I): intermediário; (A): avançado

Quanto às medidas formânticas, o valor mais expressivo de F1 é encontrado nas produções do monolíngue de Pelotas – 955Hz –, o que parece indicar um maior grau de abertura para a produção da vogal [a], se comparado com a produção do nativo de espanhol, em que a média de F1 foi de 743Hz e a média dos aprendizes, com valores entre 714Hz e 811Hz.

Para F2, os valores mais elevados são constatados nas produções do sujeito monolíngue de Pelotas e nos aprendizes de nível intermediário; já para o nativo de espanhol e os sujeitos de nível avançado, os valores reportados são mais reduzidos. Os valores dos aprendizes de nível intermediário são superiores até mesmo aos do locutor nativo de PB. Tal situação caracteriza um movimento inverso ao esperado, pois, em lugar de produzirem a vogal [a] de modo mais posterior, deixam-na ainda mais anterior. No nível avançado, os aprendizes produzem a vogal baixa, posteriorizando-a.

Quanto aos contextos nasais, os valores de F1 do aprendiz de nível intermediário indicam que houve um processo de nasalização vocálica. Quilis (1988) estabelece os valores de F1 da vogal [a] do espanhol entre 607 Hz a 769 Hz, em contextos orais e, em torno de 500Hz, em caso de nasalização. O índice formântico de F1 para este aprendiz gira entre 412Hz e 480. Vale estabelecer um comparativo com valores formânticos da vogal alvo deste estudo em contextos orais. Em contexto de plosiva labial sonora, por exemplo, *bala*, o valor de F1 chegou a 900Hz; para F3, 2878Hz. Ao comparar os valores de F1 entre *baño* e

bala, verifica-se uma diferença bastante considerável. Em *baño*, o valor é consideravelmente inferior, confirmando a existência da nasalização. Não constatou-se, entretanto, crescimento de F3 na vogal nasalizada.

4. CONCLUSÕES

De acordo com os dados aqui analisados, constata-se que a vogal [a] do português e a vogal [a] do espanhol diferem principalmente em relação a medidas de duração. Em português, a referida vogal apresenta duração expressiva em sílaba tônica, em contraposição, à sílaba átona que apresenta menor duração. Em espanhol, no entanto, não se verifica essa diferença. Portanto, os aprendizes brasileiros de espanhol como L2 possuem dificuldades na realização da vogal [a] conforme a forma alvo, com tendência a manter uma maior duração vocálica em sílabas tónicas, assim como em português.

Em relação a F1, o aumento de seu valor nas produções do monolíngue de Pelotas indica uma vogal [a] mais baixa do que a do espanhol, com maior grau de abertura, principalmente em sílaba tônica. Na posição átona, as diferenças relativas às medidas de F1 são bem menores.

Ainda, constatou-se que os aprendizes apresentam valores de F1 mais próximos das produções do nativo do espanhol. A redução no grau de abertura da vogal indica uma tentativa dos aprendizes em produzir a vogal baixa de forma mais similar a da língua alvo.

Para F2, as diferenças entre o português e o espanhol ocorrem também em sílaba tônica, com uma tendência à posteriorização da vogal baixa do espanhol. Como em sílaba átona o português também apresenta uma tendência à posteriorização do [a], as diferenças entre as duas línguas, no que se refere a F2, desaparecem. Assim, poucos ajustes precisam ser feitos pelos aprendizes.

Diante das discussões dos dados, verificou-se que a tendência do aprendiz é seguir o padrão que ele tem em sua língua materna, e com isso, nasalizar em demasia a vogal [a] da língua espanhola. Entretanto, parece que essa dificuldade de produção desta vogal em contextos nasais, pelos falantes de português, aprendizes de espanhol, vai progressivamente diminuindo. Isso porque, o aprendiz de nível intermediário nasalizou em todas as palavras, enquanto que o aprendiz de nível avançado teve poucos casos de nasalização, sendo que tal ocorrência se deu nas palavras cognatas. Ou seja, houve mais transferência fonológica nas palavras que o aprendiz usa em sua língua materna.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BROWMAN, C. & GOLDSTEIN, L. Towards an Articulatory Phonology, in **Phonology Yearbook**, 3:219-252, 1986.
_____. Articulatory gestures as phonological units, in **Phonology** 6: 201-251, 1989.
PASCA, M. A. S. **Aspectos da aquisição da vogal oral /a/ em língua espanhola por estudantes de língua portuguesa: a questão da percepção**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Pelotas.
QUILIS, A. **Fonética acústica de la lengua española**. Madrid: Gredos, 1988.
_____. **Tratado de fonética y fonología españolas**. Madrid: Gredos, 1999.